

Construção do Eu: Uma análise interpretativa do consumo liminar de mulheres transexuais

Autoria

Míriam de Souza Ferreira - miriam.sfo@gmail.com

Severino Joaquim Nunes Pereira - bill.pereira4@gmail.com

Mestr Acad em Admin/Prog de Pós-Grad em Admin/Inst de Ciênc Soc Aplic - MA-PPGA/ICSA/UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

Resumo

A transexualidade pode ser vista como um contraponto a estrutura binária de gênero - que cria e polariza as categorias homem e mulher. Isso ocorre, pois a existência dessas pessoas provoca a descontinuidade deste cânone social (Connell, 2016). As mulheres transexuais, por exemplo, ainda que tenham sido designadas enquanto homens no nascimento (de acordo com seus atributos biológicos), se reconhecem enquanto mulheres, e, frequentemente realizam readequações que julgam necessárias para vivenciar de forma confortável essa identidade de gênero (Benevites & Nogueira, 2019). Este processo de readequação identitária é visto neste trabalho como um rito de passagem (Turner, 2005). Deste modo, este trabalho teve por objetivo compreender de que maneira ocorre o consumo de mulheres transexuais na liminaridade relativa às suas readequações identitárias de gênero. Para tanto, foram realizadas nove entrevistas semiestruturadas com mulheres transexuais e observações não participantes em eventos frequentados por este público. Realizada a coleta e a organização dos dados procedeu-se à análise de hermenêutica (Thompson, 1997) do corpus investigativo. Os resultados indicaram que o consumo liminar reduziu conflitos internos dessas mulheres, e, simultaneamente, foi utilizado como negociador de identidades, instrumento de reprodução e, também, de questionamento dos estereótipos de gênero.



Construção do Eu: Uma análise interpretativa do consumo liminar de mulheres transexuais

Resumo: A transexualidade pode ser vista como um contraponto a estrutura binária de gênero - que cria e polariza as categorias homem e mulher. Isso ocorre, pois a existência dessas pessoas provoca a descontinuidade deste cânone social (Connell, 2016). As mulheres transexuais, por exemplo, ainda que tenham sido designadas enquanto homens no nascimento (de acordo com seus atributos biológicos), se reconhecem enquanto mulheres, e, frequentemente realizam readequações que julgam necessárias para vivenciar de forma confortável essa identidade de gênero (Benevites & Nogueira, 2019). Este processo de readequação identitária é visto neste trabalho como um rito de passagem (Turner, 2005). Deste modo, este trabalho teve por objetivo compreender de que maneira ocorre o consumo de mulheres transexuais na liminaridade relativa às suas readequações identitárias de gênero. Para tanto, foram realizadas nove entrevistas semiestruturadas com mulheres transexuais e observações não participantes em eventos frequentados por este público. Realizada a coleta e a organização dos dados procedeu-se à análise de hermenêutica (Thompson, 1997) do *corpus* investigativo. Os resultados indicaram que o consumo liminar reduziu conflitos internos dessas mulheres, e, simultaneamente, foi utilizado como negociador de identidades, instrumento de reprodução e, também, de questionamento dos estereótipos de gênero.

Palavras-chave: Consumo; liminaridade; Teoria da Cultura de Consumo; corpo; estigma.

Introdução

O Brasil é, atualmente, o país onde mais se assassina pessoas transgênero no mundo. Segundo o relatório da Associação Nacional de Travestis e transexuais apenas 9% desses crimes são, de fato, solucionados (Antra, 2018). Contudo, além da violência física e homicídios, existe uma estigmatização generalizada sobre este grupo, que exime as chances de sobrevivência dessas pessoas na sociedade brasileira (Balzer, Hutta, Adrián, Hyldal, & Stryker, 2012). Deste modo, compreende-se a transexualidade como um tema que requer atenção de todos: Estado, organizações, pesquisadores e sociedade.

Não obstante, tamanha segregação social e hostilidade vivenciada por essas pessoas são resultados de discursos normativos de gênero que foram disseminados e reiterados em larga escala pela literatura médica que ditava – e ainda dita – “verdades” sobre a sexualidade (Foucault, 1988). Entre essas verdades a determinação do corpo sexuado – dicotomizado em masculino ou feminino. Este pressuposto alicerça os argumentos acerca do sistema binário de gênero (Bento, 2012).

Embora tentassem aparentar alguma neutralidade, estes discursos estavam repletos de pressupostos moralistas e religiosos que produziam supostas verdades sobre o sexo (Foucault, 1988). De acordo com Bento (2012), além desta estrutura polarizar o masculino e o feminino, ela cria e multiplica o pressuposto de que o gênero representa o sexo e faz com que todas as outras dimensões constitutivas dos sujeitos estejam fixadas a essa determinação inicial. A premissa sexo-gênero-sexualidade que indica que se um indivíduo nascer com um determinado atributo biológico, terá sua identidade de gênero e sexualidade previamente definidas (Louro, 2004) é um exemplo disso.

Assim, a transexualidade apresenta-se como contraponto a essa estrutura socialmente arraigada, uma vez que provoca descontinuidade neste cânone social (Connell, 2016). As mulheres transexuais, por exemplo, ainda que tenham sido designadas enquanto homens no nascimento (de acordo com seus atributos biológicos), se reconhecem enquanto mulheres, e, frequentemente realizam readequações que julgam necessárias para vivenciar de forma confortável essa identidade de gênero (Benevites & Nogueira, 2019).

Embora alguns trabalhos na área dos estudos brasileiro do consumo abordem a temática do gênero - como Pereira e Ayrosa (2012), Rocha, Schott e Casotti (2016) e de Fontes, Borelli e Casotti (2012) – notou-se incipiência de estudos que buscassem aprofundamento sobre particularidades do consumo da população transgênero. Isso é relevante na medida em que se trata de um grupo historicamente perseguido e marginalizado (Balzer *et al.*, 2012), pois, segundo Sandikic e Ger (2012) quando um indivíduo passa por experiências de estigmatização social geralmente ocorrem importantes ramificações sobre maneira como reflete em sua vida em geral e o consumo em particular. Assim, o objetivo deste trabalho consiste em compreender de que maneira ocorre o consumo de mulheres transexuais na liminaridade relativa às suas readequações identitárias de gênero.

Neste estudo, compreende-se esse momento de readequação identitária como uma fase de liminaridade. A liminaridade é a fase mais conturbada de um rito de passagem, pois ela representa um momento “interestrutural” (Turner, 2005). Assim, este momento de readequação, pelo qual passam as mulheres transexuais, aparenta fornecer descobertas profícuas nos estudos de consumo, pois enquanto estas buscam enquadramento em uma identidade localizada na estrutura social, inevitavelmente vivenciarão e expressarão a ambiguidade liminar por meio de uma rica variedade de símbolos (Turner, 1974). A compreensão teórica acerca do consumo liminar, emerge como o consumo daqueles que “existem e consomem no meio do caminho, ao longo de um limiar de identidades suspensas” que não pertencem a nenhuma identidade reconhecida dentro dos limites da estrutura social (Cody, 2012, p. 61), trazendo contribuições importantes, na medida em que a liminaridade se apresenta como um momento de escuridão frutífera, de onde novas formulações sociais podem surgir.

Gênero e os Estudos de Consumo

Os estudos do consumo que abrangeram a temática de gênero tiveram, durante muito tempo, a tendência de reduzir as categorias binárias de gênero e às diferenças biológicas entre sexos (Maclaran, Otnes, & Zayer, 2017). Para Maclaran *et al.* (2017), este tipo de pesquisa herdava a visão de gênero do paradigma psicológico que também dominava o campo do consumo (Jantzen & Østergaard, 2001).

Entretanto, tais pesquisas acabavam por reforçar certos estereótipos relacionados ao gênero e à sexualidade e serviam muito mais a propósitos gerenciais de segmentações de mercado do que para prover um aprofundamento crítico dessa problemática (Maclaran *et al.*, 2017). Tsai (2004), argumenta ainda que profissionais do mercado contribuíam negativamente ao reproduzirem publicidades que retratavam a população LGBT de uma maneira preconceituosa. No caso das pessoas transexuais, por exemplo, disseminavam sistematicamente piadas pejorativas que deslegitimavam a identidade de gênero principalmente de mulheres transexuais, como se não fossem mulheres de verdade.

No entanto, neste estudo, compreende-se gênero não a partir da essencialidade da diferença sexual, mas sim a partir do princípio defendido por Butler (2015) de que este constitui “uma performance com consequências claramente punitivas” (p.241) para aqueles que não se enquadram nessa estrutura. Essa perspectiva pós-estruturalista de gênero tem sido apropriada por algumas pesquisas interpretativas de consumo, que propiciaram um enriquecimento dos debates sobre o gênero enquanto construção social e suas peculiaridades e relações com o consumo (Maclaran *et al.*, 2016).

No Brasil existem esforços de alguns pesquisadores do consumo ao abordarem a temática de gênero através uma perspectiva mais construtivista – como Pereira e Ayrosa (2012), Rocha *et al.* (2016), Fontes *et al.* (2012). O trabalho de Pereira e Ayrosa (2012) sobre como um grupo de gays masculinos no Rio de Janeiro utilizam os significados associados ao consumo e até mesmo aos seus corpos como meio de enfrentamento ao estigma da homossexualidade. Já Rocha *et al.* (2016) mostram como a valorização dos traços estéticos europeus moldou o

consumo de mulheres negras brasileiras, que, por vezes, optam por alisamentos com a finalidade de “adequação” a este padrão estético. O estudo de Fontes, Borelli e Casotti (2012), mostraram como as concepções tradicionais de gênero influenciavam o consumidor masculino no mercado da beleza.

Um dos poucos trabalhos que investigou o consumo do grupo transgênero foi o de Ruvio e Belk (2013), que explora e decompõe a travessia identitária dessas pessoas em cinco fases genéricas: a emergência de conflitos, negociação de identidades, aceitação, compartilhamento da nova identidade e resolução identitária. Os autores identificaram que o poder simbólico imbuído nas poses pode elevar o conflito identitário, da mesma maneira que podem ajudar essas pessoas a lidarem com esta ambivalência de diferentes maneiras além de refletirem a resolução do conflito na formação de uma nova identidade.

Sabendo que o gênero é algo criado a partir de práticas/atos reiterativos e forçados alicerçados em regimes sexuais, a próxima seção visa compreender de que maneira a criação dos corpos sexuados influenciou a construção dos gêneros da matriz binária existente.

Corpo e Performatividade

A existência da transexualidade é consequência da dicotomia do corpo sexuado – corpo masculino *versus* corpo feminino – disseminado pelo discurso científico (Bento, 2012). No entanto, tal modelo de corpo surgiu somente a partir do período iluminista, quando a ciência foi motivada a encontrar diferenças entre homens e mulheres a partir dos corpos, trazendo à tona o modelo de dois sexos (Laqueur, 1994). Segundo Laqueur (1994), ao invés desse novo padrão propor uma continuidade, como o modelo anterior (modelo de sexo único), apontou uma série de contrastes e contradições. Para Butler (2000), essa materialização do sexo biológico nos corpos ocorreu de maneira compulsória, e fez do sexo uma norma e uma “prática regulatória que produz os corpos que governa” (Butler, 2000, p.110). Assim, este modelo polarizador acabou por trazer uma série de estigmas sociais, pois através dele nota-se uma regulação sobre como os corpos devem ser, sobre como as pessoas devem sentir, ser e se relacionar (Bento, 2006).

Segundo Bento (2012), o sistema binário que polariza o masculino e o feminino cria e multiplica o pressuposto de que o gênero representa o sexo e que todas as outras dimensões constitutivas dos sujeitos estão fixadas a essa reprodução inicial. De acordo com essa lógica a natureza estabelece a sexualidade e determina os corpos de acordo com disposições naturais imaginárias. No entanto esta visão é excludente, uma vez que ignora a existência das pessoas que “atravessam” estas fronteiras de gênero, ou até mesmo desconsidera que possam existir homens femininos ou mulheres masculinas (Graciano, 1978).

Louro (2004) adiciona que a esta concepção a premissa sexo-gênero-sexualidade. Nela o sexo é visto como uma característica pré-discursiva “natural”/dada que determinará necessariamente a identidade de gênero e o desejo a partir dos padrões normativos. Já Foucault (1988) chamou de “verdades” sobre a sexualidade. Tais verdades reproduziram o padrão hegemônico, que determinou comportamentos aceitáveis ou não de acordo com o sexo biológico dos indivíduos.

Segundo Miskolci (2009), tal dispositivo de controle dos corpos representa a heteronormatividade que são “tanto práticas localizadas como instituições centralizadas que legitimam e privilegiam a heterossexualidade e as relações heterossexuais como fundamentais e “naturais” dentro da sociedade” (Cohen, 1997, p.440). Assim, de acordo com essa norma naturalizada, se um sujeito nasceu macho (natureza biológica), ele deve se tornar, necessariamente, um homem (identidade de gênero) e, conseqüentemente, manifestará interesse afetivo por mulheres (orientação sexual). Assim, uma vez que o estereótipo derivado dessa premissa não é obedecido ocorre a estigmatização dos grupos que não se encaixam nestas expectativas sociais e que, conseqüentemente, representam uma descontinuidade deste sistema.

Portanto, para fins deste estudo, entende-se identidade de gênero a partir da fluidez: “uma identidade tenuemente construída no tempo, instituída num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos” (Butler, 2015, p.242) em uma estrutura reguladora e rígida. Para Butler (2015), a manutenção dessa ordem simbólica e compulsória do gênero nas sociedades é “criada mediante performances sociais contínuas” que se cristalizam com o tempo (Butler, 2015, p.244), desta maneira, a autora questiona as concepções essencialistas do sexo, pois em sua visão:

Masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória. (Butler, 2015, p.244)

Assim, para essa autora, o gênero não é previamente determinado pela ordem biológica, e sim um efeito performático que permite a construção e o reconhecimento de corpos sexuados ratificados tanto pela repetição de atos quanto pelas normas regulatórias. O gênero é “performativizado” por meio de atos, gestos e signos que são repetidos no âmbito cultural “essa identidade é performativamente construída pelas próprias expressões tidas como seus resultados” (Butler, 2015, p.56).

Deste modo, pensar a identidade de gênero nos termos da performatividade indica que não existem identidades ou essências nos signos corporais, pois o fato de serem performativos indica que são “fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos” (Butler, 2015, p.235). Assim as posições binárias de identidade de gênero – homem e mulher – são meras reproduções de algo que não existe, de algo que é constrangido por normas, repetições e sanções àqueles que não as acatam, como é o caso dos indivíduos transexuais. Assim, estes sujeitos entram no domínio da abjeção ao irem de encontro aos padrões de cerceamento do gênero. Pois de acordo com Butler (2000), o ser abjeto é designado aqui como aquele que não possui o status de sujeito, que está exterior ao sujeito, pois representa as zonas “inabitáveis” e “inóspitas” (p.112) da vida social.

Transexualidade e Estigma

A transexualidade é um exemplo de insubordinação às normas de gênero da sociedade ocidental, visto que o sujeito transexual reivindica a identidade de gênero em “dissonância” com o que se espera socialmente dele de acordo com a anatomia do seu corpo (Bento, 2012). Foucault (1988) mostra ainda como categorias de normalidade foram construídas na sociedade ocidental por meio de uma apropriação da sexualidade pelo saber psiquiátrico que tinha como objetivo “produzir discursos verdadeiros sobre o sexo” (Foucault, 1988, p. 66). E esta maneira de interpretar e disseminar os conceitos sobre a sexualidade é, em grande parte responsável pelo seu processo de estigmatização de todos que destoam deste discurso. No caso das mulheres transexuais – componentes deste *corpus* investigativo –, o fato de elas nascerem com um pênis, reconhecido como órgão reprodutor masculino, e não expressarem o gênero masculino, é percebido socialmente como inapropriado pelo discurso heteronormativo hegemônico (Connell & Pearse, 2015).

Vale destacar, que até meados de 2018 a transexualidade ainda era percebida como um transtorno de identidade sexual pela OMS. Em junho de 2018 o órgão publicou uma atualização da Classificação Internacional de Doenças (CID), que retira da transexualidade o status de doença mental (OMS, 2018). E, embora essas pessoas não sejam mais classificadas como doentes pelo órgão, é provável que a patologização ao longo de todo esse tempo tenha reforçando um estigma sobre a população transexual. Segundo Goffman (1988), “quando um atributo estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem”(p. 6). Deste modo, a

diante do poder disciplinar que a sociedade tem sobre os corpos (Foucault, 1988) é comum que ocorram punições para aqueles que transgridem tais regras (Butler, 2015). Um exemplo disso são as violências simbólicas e interpessoais ou até mesmo a morte, nos casos extremos.

Segundo Carrieri, Souza e Aguiar (2014), a violência simbólica contra transexuais e travestis ocorre por meio da delimitação do que é normal ou anormal em relação aos padrões de normalidade construídos socialmente. Como consequências sociais da violência simbólica no contexto brasileiro pode-se citar o abandono familiar, a exclusão escolar, a precarização laboral e a exclusão do mercado de trabalho (Benevites & Nogueira, 2019). As violências interpessoais com este grupo ocorrem por meio de ameaças, assédios, intimidações, comentários hostis (Carrieri *et al.*, 2014), e nos casos mais alarmantes, os homicídios, que são elevados no Brasil (Benevites & Nogueira, 2019).

Embora a população transexual tenha obtido algumas vitórias importantes ao longo dos últimos três anos – como a despatologização, a conquista do nome social e da facilitação da retificação do nome na documentação no ano de 2018 –, estes são avanços recentes e incipientes para pessoas transexuais que tiveram, durante décadas, seus direitos de cidadania negados. A transfobia no Brasil não é recente: a pesquisa de Balzer (2007) relata um histórico de intensa perseguição e violência com pessoas transgênero por autoridades militares durante o período de ditadura militar.

Portanto, o estigma contra mulheres transexuais é historicamente expressivo a ponto de colocar o país na liderança quando se fala em assassinatos da população transexual e travesti (Antra, 2018). Um dossiê realizado pela Agência Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) relatou que somente no ano de 2017 foram registrados 179 assassinatos de travestis e transexuais marcados pela impunidade em 90% dos casos (Antra, 2018). Já no ano de 2018 foram contabilizados – divulgados na mídia – 168 homicídios, sendo o Rio de Janeiro estado onde estes crimes mais aconteceram (Benevites & Nogueira, 2019). Estimativa de vida desta população é de apenas 35 anos em comparação à média nacional de 75,5 anos (Bortoni, 2017), possuindo 9 vezes mais chance de ser assassinada de maneira violenta do que a população transgênero norte-americana (Antra, 2018).

Liminaridade e Consumo Liminar

A liminaridade corresponde a um dos estágios do que Gennep (2011) chama de ritos de passagem. Os ritos de passagem correspondem àqueles que “acompanham qualquer mudança de lugar, estado, posição social ou idade” (Turner, 2005, p. 138), como, por exemplo, a passagem da adolescência para a vida adulta ou do estado civil de solteiro para de casado. Para Rook (1985) estes ritos correspondem a observação de “eventos que marcam simbolicamente mudanças no status social dos indivíduos” (p.86). Assim, a readequação da identidade de gênero de mulheres transexuais é compreendida neste estudo como um estado liminar dessas pessoas, pois é um momento que delimita a desconstrução de uma identidade de gênero atribuída – não escolhida – por essas sujeitas e a construção de uma nova identidade, a de mulher.

Segundo Gennep (2011) ao serem analisados, os ritos de passagem se decompõem em três categorias secundárias: os ritos de separação (ritos preliminares), ritos de margem (liminaridade) e os ritos de agregação (ritos pós-liminares). A separação consiste na fase em que o indivíduo apresenta comportamento de distanciamento da identidade anterior, já a agregação consiste na fase em que o sujeito assume a nova identidade. Ambas as fases – de separação ou agregação – apresentam posições mais estabilizadas socialmente (Turner, 2005).

O período liminar ou liminaridade apresenta um contraponto ao modelo de sociedade ocidental, pois uma de suas principais características se refere ao seu caráter “interestrutural” (Turner, 2005, p.137). Assim sendo, a liminaridade ocorre externamente à estrutura social estabelecida socialmente e culturalmente – pois ocorre depois de sair dessa estrutura e antes de

retornar à mesma –, como um local onde novas configurações de ideias e relações podem emergir.

O modelo tradicional da sociedade ocidental requer uma “estrutura de posições” formada geralmente por constantes sociais – como estatuto legal, profissão, ocupação e categorias sociais (Turner, 2005). O ser transacional, ou *persona* liminar é, segundo Turner (1974), indefinível, pois ao mesmo tempo que não é mais classificado de acordo com seu estado anterior, ele ainda não é classificado por nenhuma dessas constantes sociais, eles são desprovidos de status. Os ritos de margem ou liminaridade, correspondem aos momentos em que os indivíduos não possuem muitas características nem do estado anterior nem do estado futuro, indica um momento de ambiguidade em que o sujeito “não mais é classificado” e ao mesmo tempo “ainda não é classificado”, uma fase de ausência de identidade, segundo Turner (2005, p.140). Estudos como o de Pereira e Ayrosa (2012) e Cody e Lawlor (2011), citados adiante, exemplificam como o consumo liminar em períodos de transições identitárias podem ser utilizados por consumidores em seus ritos de passagem.

Essa falta de identificação social leva o sujeito liminar, ao estado de segregação parcial ou total em relação aos estatutos culturalmente ordenados e definidos. Isso explica, por exemplo, o fato das pessoas transexuais serem estigmatizadas em função de não se enquadrarem na estrutura estabelecida socialmente por dispositivos que controlam os corpos desses indivíduos (Foucault, 1999). De acordo com Turner (1974), isso é comum devido justamente à antiestrutura que os sujeitos liminares vivenciam, o que faz com que eles se relacionem entre si como iguais, coletivizando o processo de liminaridade. A essa relação de amparo e cumplicidade entre estes indivíduos é dado o nome de *communitas* (Turner, 1974), esta se opõe a natureza das normas e da estrutura institucionalizada socialmente. Desta maneira, enquanto a *persona* liminar não alcança a agregação e consequente assimilação da nova identidade ou posição, ela continuará neste estado.

Os estudos sobre consumidores em períodos de transição têm fornecido *insights* importantes para vários fenômenos relacionados ao consumo, dentre eles o consumo simbólico e a construção identitária dos sujeitos (Voice Group, 2010). Além disso, a liminaridade, de maneira específica é um momento em que os sujeitos experimentam e formulam novas possibilidades de si mesmos (Schouten, 1991). De acordo com Schouten (1991), “se eles têm traços emocionalmente rejeitados ou aspectos de si mesmos com os quais eles estão insatisfeitos, eles podem procurar alguma maneira de eliminá-los e substituí-los por traços mais desejáveis” (p.50). Desta forma, ocorre um “jogo de identidades” que é propiciado através do consumo de bens ou serviços que proporcionem ganhos simbólicos ou hedônicos (Schouten, 1991). Tal fato também foi observado na investigação de Pereira e Ayrosa (2012), quando demonstrou a importância de alguns produtos e serviços para que os informantes tivessem uma identificação positiva dentro grupo gay. Essa tentativa de enquadramento social é compreensível, pois de acordo com Turner (2005), o sujeito liminar é desprovido de classificação social definida, o que o leva à segregação social.

De acordo com Cody (2012) consumo liminar é “uma compreensão teórica daqueles que existem e consomem no meio de um limiar de identidades suspensas” (p.61) e que não pertencem a nenhuma das duas identidades/categorias sociais. Segundo as autoras o consumo liminar pode ser teorizado como “uma escuridão frutífera, que incorpora quietude e movimento, sombra e luz, uma obscuridade restaurativa repleta de atividades de consumo daqueles que essencialmente não são mais, mas ainda não” (Cody & Lawlor, 2011, p.214).

De acordo com as autoras, o consumo no estado liminar pode ser visto tanto a partir da ótica da escuridão, das sombras e da invisibilidade social, quanto a partir da perspectiva da prosperidade. Ao observar o consumo liminar como uma escuridão, a cultura do consumo acaba por reiterar imperativos binários e dicotômicos de categorias sociais, e nega a existência de qualquer outra identidade que não se enquadre entre essas duas identidades sociais (assumidas

antes e após a liminaridade). Um exemplo utilizado por Cody e Lawlor (2011) foi justamente o fato de práticas de consumo reforçarem como e o que jovens pré-adolescentes deveriam (ou não) consumir durante a transição infância-adolescência.

A outra dimensão simultânea do consumo na liminaridade incorpora atividades específicas que tornam visíveis componentes frutíferos da interação entre a cultura do consumo e as pessoas que estão passando pelo período liminar. Nesta dimensão os consumidores se engajam em interações com significantes e subjetividades de consumo que estão além da sua identidade liminar, mas que servem como meio de administrar as incertezas da identidade liminar, que costuma ser socialmente incompreendida (Cody & Lawlor, 2011). O estudo de Banister e Piacentini (2008), chegou à conclusão que o consumo de bebidas alcoólicas fornece algum tipo de suporte no período de liminaridade entre a vida acadêmica e a vida social de jovens recém matriculados nas universidades. Além disso, mostra como este consumo assume um caráter hedônico ao permitir que estes jovens experienciassem possíveis identidades como adultos sem que, de fato, tivessem que assumir as responsabilidades da vida adulta.

Deste modo, assim como a liminaridade, o consumo liminar também se apresenta como um processo ambivalente, pois ao mesmo tempo que auxilia os sujeitos a se conhecerem, pode ser visto como um reiterador de normas sociais imperativas (Cody & Lawlor, 2011). Logo, diante de toda a complexidade desta fase de choque entre as subjetividades sociais e pessoais dos indivíduos, parece pertinente compreender o consumo na fase liminar neste rito de passagem da construção identitária de mulheres transexuais. A próxima seção destina-se a explicar como se relacionam o consumo e as construções identitárias.

Vale salientar que, para aqueles que passam por transformações identitárias, é desejável que se alcance a agregação e incorporação da nova identidade em meio a todo este processo (Turner, 1974). No entanto, segundo Schouten (1991), não é incomum que os indivíduos continuem no período liminar por rejeitar a nova identidade, ou por não se darem por satisfeitos com a identidade alcançada e continuarem o processo liminar.

Percurso Metodológico

Uma vez que o objetivo deste estudo é compreender a ação humana, e como ela é compreendida dentro do sistema de significados ao qual pertence (Schwandt, 1994), este estudo assenta-se sobre a perspectiva interpretativista, na qual realidade social é compreendida como rede de representações complexas e subjetivas (Morgan, 2005). Assim, foram escolhidos métodos de pesquisa e critérios epistemológicos provenientes da natureza qualitativa para melhor compreender os aspectos simbólicos do consumo de mulheres transexuais no período de liminaridade.

O *corpus* de pesquisa foi formado exclusivamente por mulheres que se autodeclararam transexuais, que já tivessem atingido a maioridade civil e fossem residentes da cidade do Rio de Janeiro. Além disso, as respondentes deveriam estar vivendo o processo de adequação de gênero ou que já tivessem “concluído” este processo há, no máximo, dez anos. Este parâmetro foi adotado para se obter maior qualidade e detalhamento de dados a partir das recordações das entrevistadas e notas de campo.

A coleta de dados transcorreu um período de nove meses e foi realizada entre os anos 2017 e 2018 por meio de observações em eventos destinados ao público transgênero – como feiras, atos, exposições e saraus. Adicionalmente foi realizado nove entrevistas em profundidade (McCracken, 1988) com mulheres transexuais entre 23 e 49 anos de idade. As entrevistas foram gravadas em áudio e depois transcritas. A fim de garantir a privacidade das entrevistadas, um termo de confidencialidade foi firmado entre as partes, garantindo o sigilo dessas identidades. Portanto, as entrevistadas são identificadas, ao longo deste trabalho, por codinomes.

Feita a coleta dos dados e a organização dos mesmos, procedeu-se à análise dos dados por meio da análise interpretativa hermenêutica. Tal escolha foi feita devido ao potencial que tal instrumento tem para fornecer *insights* relevantes nas pesquisas de consumo (Thompson, 1997). Esta estrutura interpretativa visa compreender significados do consumo relacionados tanto às narrativas de consumo pessoais de um consumidor e quanto ao contexto narrativo mais amplo de significados culturais historicamente estabelecidos. Tais narrativas possuem um senso de continuidade e coerência em meio ao fluxo de suas experiências de vida, e estão inseridas em um plano de fundo cultural (Thompson, 1997). Os trechos ilustrativos apresentados na seção a subseqüentes foram extraídos de transcrições textuais das entrevistas – cujas durações variam entre 47 minutos e 2 horas – e gravadas em mídia digital.

Análise e Discussão dos Resultados

A análise dos dados provenientes das entrevistas e notas de campo sugere que o consumo liminar emergiu como um redutor das incertezas das mulheres transexuais durante o período liminar do rito de passagem. As categorias emergentes e analíticas da pesquisa, como a busca de informações, consumo do corpo, negociação da identidade, e vulnerabilidades–sugerem que as informantes almejavam construir versões mais agradáveis de si mesmas, ou seja uma identidade de gênero mais coerente de si mesmo. O estigma também apresentou considerável influência sobre o consumo dessas mulheres na medida em que moldou práticas de consumo: ora por meio do acobertamento, ora como forma de enfrentamento do estigma.

A seguir serão mostradas as categorias mais salientes durante a análise dos dados:

Busca de informações

Uma das primeiras atividades de consumo em prol da readequação identitária das informantes foi a busca de informações. Ela emergiu principalmente na fase anterior à liminaridade e se prolongou até este período. Essa busca ocorreu por meio de sites e redes sociais da internet, por meio de materiais escritos – como livros e revistas – e, também, por meio da aproximação de outras pessoas parecidas com elas, principalmente em redes sociais online.

Eu pesquisei de tudo sobre a minha vida, sobre minha transição (no computador), aí eu descobri pessoas que passavam pelo mesmo que eu, aí eu descobri o endereço da minha igreja (inclusiva). Aí, tipo assim, eu não vivo sem internet! Não porque eu quero fazer amizade, porque ali eu fico sabendo de tudo, exatamente de tudo que eu quero saber, tudo que me interessa! (Maria, 37 anos)

A citação acima ilustra como o consumo de conteúdo on-line desempenhou uma função fundamental na descoberta e aceitação das informantes, pois foi através destes meios – de instrumentos de busca como o Google e mídias sociais online –, que essas mulheres puderam se conhecer melhor, compreender suas identidades de gênero, maneiras de executar essa transição e conhecer locais inclusivos para elas. Ao relatar o momento em que descobriu que se enquadrava como transexual, Joana (27 anos) afirma: “Cara, botei no Google – internet é deus, né?! – ‘transgênero’, ‘transexual’, cara quando eu li a definição juro por tudo quanto é mais sagrado na face dessa Terra, tudo encaixou! ”. Este relato vai ao encontro do trabalho de Pereira (2009) sobre o consumo de homens gays durante o rito de passagem e construção da identidade homossexual, pois evidencia a busca de informação como um dos primeiros estágios do rito de passagem. Segundo o autor, estes homens procuravam por informações que os fizessem entender quem eles eram e também a desconstruir quem eles não eram. Eles buscaram informações de pelo menos duas formas: a primeira por meio de livros, enciclopédias e da internet, e a segunda indo a locais frequentados pelo público LGBT.

Assim, observou-se que a busca por informações em livros e sites na internet promoveu nas mulheres analisadas uma suavização dos conflitos identitários gerados entre a condição de gênero que lhes foi imposta e a que se identificavam. Além disso, esta busca de informações pode ser facilitadora no sentido de o indivíduo liminar passar a experienciar uma rede de relações sociais com seus semelhantes em transição de gênero, uma *communitas* (Turner, 1974), neste processo de readequação de gênero.

Corpos consumidos

O corpo é uma superfície politicamente e socialmente regulada por onde se imprime e se experimenta a subjetividade do gênero (Butler, 2015) – ainda que de maneira limitada. A análise dos dados apontou nesta direção na medida em que o consumo do corpo foi particularmente expressivo durante o período de liminaridade das mulheres transexuais analisadas. Esta análise indicou ainda que existem, dois principais domínios associados ao consumo do corpo: o consumo dos hormônios e o de feminilidade, como será descrito a seguir:

Construção e consumo de hormônios

Esta categoria surgiu recorrentemente na análise dos dados como sendo o consumo de hormônios uma conquista no projeto identitário dessas mulheres, como exemplificam os trechos a seguir: “uma coisa que foi muito forte” (Joana), “foi uma realização” (Luana) ou “um sonho realizado” (Mônica). Um importante atributo resultante do uso dos hormônios foi surgimento de características físicas relacionadas a feminilidade, como o aumento dos seios e quadris. Segundo Goldenberg (2005), na cultura brasileira em geral, os aspectos dos corpos masculinos mais valorizados pelos homens são a altura, o tórax, a força física e os femininos são formas acentuadas, como quadris, seios e nádegas. Assim, essas características femininas também foram vistas como desejáveis pelas mulheres transexuais. O trecho abaixo exemplifica como o resultado do consumo dos hormônios foi percebido pelas entrevistadas:

Teve uma coisa muito forte que foi os seios, né? Na verdade, quando começou a crescer eu fiquei assim: “-Meu Deus...” e aí fui me sentindo tão alimentada... (...)para nós, mulheres trans, a gente quer... mulheres trans, travestis querem peito e, ao mesmo tempo, que os homens trans querem se ver livres desse peito, né... (Ana, 23 anos)

Assim, o consumo de hormônios por elas está associado a transição de um corpo masculino, que as aprisionava, para um feminino associado ao projeto identitário de gênero mais coerente com a forma como se viam. Em particular os seios surgem como uma parte do corpo descrita como uma posse a muito desejada por elas e que representavam esta nova identidade (Belk, 1988; Pereira & Ayrosa, 2012).

A análise também sugere que este tipo de consumo liminar vai além desta funcionalidade das características externas do corpo, mas se relaciona também à vivência dessas novas identidades de mulher por meio de experiências e mudanças que ocorre neste corpo em mudança, como ilustrado por Marcela (39 anos): “até a TPM, que na verdade não é uma TPM como das outras mulheres, mas a gente tem essas alterações de humor que aparecem. E chorar para mim foi uma libertação tão grande...”. Assim, para Marcela além de assumir características físicas mais femininas, a ela vivenciou sensações particulares inéditas, que ela associa a esta nova feminilidade – como alterações de humor associadas a uma suposta Tensão Pré-Menstrual (TPM). Assim, o consumo de hormônios proporciona ganhos tanto simbólicos quanto hedônicos neste período de “jogo de identidades” (Schouten, 1991). Isso é perceptível, pois de acordo com Hirschmann e Holbrook (1982), na perspectiva do consumo hedônico os produtos podem gerar estímulos que alteram estados físicos e emocionais no consumidor.

Portanto, o consumo dos hormônios emerge com uma tripla função: fazer com que mulheres transexuais se aproximem dos padrões de corpos femininos, afastar atributos físicos

relacionados aos corpos masculinizados, e, por fim, podem proporcionar experiências relacionadas à uma puberdade tardia, como o exemplo da suposta TPM. Vale salientar também, que a maioria das informantes deste estudo utilizavam os hormônios de maneira constante, o que aponta para a continuidade deste consumo para além do período liminar das sujeitas.

Consumo e feminilidades

Ao longo da análise do *corpus* de pesquisa, um outro tema que emergiu recorrentemente foi o que aqui denominamos consumo e feminilidades. Toma-se por feminilidade, neste estudo, todo o aparato simbólico que permitiu a essas mulheres performatizarem o gênero feminino – como o uso de roupas, esmaltes, cabelos, apliques, perucas, brincos. Para a maioria das entrevistadas, o contato com o universo material e simbólico do consumo feminino apresentava-se como algo libertador e fascinante no primeiro momento, pois este consumo era constrangido e considerado proibido anteriormente. Como ilustrado pela fala, abaixo:

Por exemplo, eu naquela época antes de fazer a transição, se eu fosse comprar é...um esmalte de unha, iam olhar para minha cara e iam falar assim ‘que isso? tá achando que é quem? ó lá... comprando esmalte...’. Agora eu não... agora posso comprar o que eu quiser, entendeu? Eu posso comprar o que eu quiser eu vou, compro roupa, compro tudo que eu sempre quis comprar eu nunca pude, que as pessoas não permitiam que eu comprasse. Ninguém ia entender nada porque na nossa sociedade ou você é homem ou você é mulher. Então a partir do momento que eu sou é... mulher transexual eu posso fazer o que eu quiser dentro do universo feminino. (Diana, 37 anos)

No relato de Diana, ela expressa satisfação de finalmente poder consumir produtos que antes do processo de adequação identitária não eram possíveis, pois eram objetos de mulher e ela não era reconhecida socialmente como tal. Em verdade, o estigma ainda existe, pois quando ela consome itens considerados feminino e não possui uma aparência socialmente reconhecida como a de mulher cisgênero, vai de encontro ao que as normas de gênero impõem a ela, se tornando um ser repudiado do ponto de vista social. No entanto, ainda que estivesse sob o domínio da abjeção, a entrevistada relatou que a partir do momento que tomou a decisão de assumir publicamente e construir sua identidade feminina, ela se sentiu avalizada a consumir tais produtos – como batons, esmaltes ou roupas femininas – que a auxiliariam, justamente, a reproduzir e construir a identidade de gênero feminino que ela desejava alcançar.

O fato dos corpos não se limitarem à materialidade física da carne, mas também a tudo que a circunda – como roupas, adornos, tatuagens, intervenções, gestos (Goellner, 2010) – faz com que se considere a estilização destes corpos através da materialidade dos objetos um fator de relevância para as entrevistadas. Assim, essa estilização refletiu também na maneira como essas mulheres relatavam suas primeiras posses, as primeiras performances femininas, as mudanças de atitude em relação a gestos e algumas partes dos seus corpos. Tais falas evidenciaram ainda o empenho e investimento que as entrevistadas tiveram durante a liminaridade para consumirem e construírem a si mesmas com a aparência feminina desejada.

Portanto, ainda que estivessem conscientes em relação a reprodução dos estereótipos de gênero, o consumo de posses relacionadas ao universo feminino fez com que estas mulheres obtivessem capital simbólico, pois ao consumirem posses e serviços relacionados ao universo feminino, essas mulheres tendem a mimetizar um corpo de feminino coerente com padrões normativos vigentes (Goldenberg, 2005) e serem percebidas socialmente como mulheres cisgênero.

Vulnerabilidades do consumo liminar e pós-liminar

Uma outra categoria que emergiu da análise das informantes durante a liminaridade e readequação identitária e a vulnerabilidade delas enquanto consumidoras. Embora maior parte

desta vulnerabilidade esteja relacionada ao consumo do corpo, não se pode afirmar que esta é a única condição que faz dessas mulheres transexuais vulneráveis. As violências físicas (violências interpessoais) ou, até mesmo, tratamentos discriminatórios em locais de consumo (violências simbólicas) foram eventos recorrentemente narrados. Essas experiências de vulnerabilidade ocorriam em decorrência de uma condição externa (Baker, Gentry, & Rittenburg, 2005): o estigma.

O relato de Diana (37 anos) a seguir, exemplifica como uma circunstância externa – como as discriminações decorrentes do estigma social – pode fazer com que mulheres transexuais sejam vulneráveis no consumo: “Já ouvi relatos de trans que falaram que tiveram atendimento negado no consultório porque diziam que não atendiam esse tipo de gente, porque era consultório de família. Enfim... trans pode ser também de família, né? Não pode ser de família?”. Estes eventos de vulnerabilidade podem, ou não, resultar em danos físicos para essas mulheres, uma vez que muitos locais de consumo não proporcionam segurança para elas, ou ainda, as discriminam enquanto consumidoras.

Além disso, grande parte da vulnerabilidade de consumo percebida por essas mulheres ocorreu durante o processo de transformação corporal. As demandas pelas transformações do corpo surgiram em momentos nos quais muitas dessas mulheres não possuíam recursos financeiros para a construção dessa identidade mais feminina. Grande parte das entrevistadas encontravam-se em situação de desemprego ou desamparadas por suas respectivas famílias, durante o processo liminar. Este foi um fator relevante, uma vez que na falta de dinheiro para investir em serviços e produtos que as auxiliassem a alcançar o corpo desejado, muitas dessas mulheres se viram seduzidas diante de serviços ilícitos – ou práticas de consumo – com potencial de causar danos e gerar vulnerabilidade para as mesmas – como o consumo de hormônios sem assistência médica.

Do mesmo modo, nota-se não só uma vulnerabilidade dessas consumidoras decorrente de características individuais – como a escassez de recursos ou falta de informação –, mas também uma vulnerabilidade ocasionada pelo imediatismo que muitas tinham de externar um corpo socialmente percebido como feminino. Contudo, o serviço ilícito utilizado por Maria poderia ter causado graves consequências, incluindo a morte. Então, este caso ilustra como esta vulnerabilidade também pode ser causada pela própria condição de liminaridade dessas mulheres transexuais durante rito de passagem. Para Barker *et al.* (2005), durante o período liminar a vulnerabilidade é bastante recorrente, pois as pessoas podem ter pouca capacidade de agir de acordo com seus melhores interesses devido à instabilidade identitária e ao estresse vivenciado. Portanto, este estado de liminaridade representam um “bloqueio” que impede as mulheres transexuais de controlarem situações ou reagirem de maneira positiva para si mesmas.

O relato abaixo ilustra ambas as causas de vulnerabilidade citadas acima:

A busca da feminilidade ela é uma coisa que faz com que você a qualquer custo queira parecer aquilo que você é por dentro. Então eu nunca tive condições de fazer cirurgias, né? se eu pudesse eu faria operação facial, colocaria silicone nos seios, enfim faria todos aqueles procedimentos, né. Então como eu nunca tive condições e vi certas meninas como eu aplicando silicone injetável eu acabei também fazendo a mesma coisa, um pouquinho de quadril um pouquinho de seios só que eu não.[...] hoje em dia se eu pudesse voltar atrás eu não faria, porque? por causa do risco. (Maria, 37 anos)

Desta maneira, observa-se que ainda que a vulnerabilidade ocorra recorrentemente no período liminar, durante as transformações corporais deste grupo, ela não se restringe apenas ao período de construção identitária e pode se estender para além do período da liminaridade, pois as experiências de vulnerabilidade de consumo decorrentes do estigma e discriminação são estruturais e fogem do controle dessas pessoas e suas tentativas de negociação por meio do consumo.

Negociação da identidade liminar

Um outro ponto saliente na análise dos dados indicou que essas mulheres transexuais costumavam representar performances de gênero que não eram nem masculinas nem femininas, mas que transitavam por este “espaço” entre as duas identidades de gênero. As narrativas das entrevistadas retratavam recorrentemente uma representação andrógena de si durante o período de liminaridade. Este comportamento é inerente ao período liminar. O fato de não buscarem realizar nenhuma das duas performances socialmente reconhecidas (nem masculina, nem feminina), e ao mesmo tempo apresentarem nuances de uma e outra ao mesmo tempo (Cody, 2012) é algo presente em estudos anteriores – como em Cody e Lawlor (2011) e Pereira e Ayrosa (2012).

Além disso, a existência dos dois universos: masculino e feminino, vistos socialmente como antagonicos, na vida das informantes frequentemente implicava o consumo de posses específicas que formavam uma espécie de “barreira invisível” entre esses dois mundos. Esse trânsito entre dois mundos já era previsível, pois de acordo com Gennep (2011) os indivíduos em transição flutuam entre dois mundos em um momento de “não status” definido. Só que a peculiaridade neste rito de passagem se deve ao fato das entrevistadas viverem este “limbo” em função do estigma dos familiares e amigos. Como no relato abaixo:

E aí eu fiquei pensando, pensando... aí eu fui começando a perceber que o uso de sutiã e calcinha de... de objetos, né, e roupas fortemente femininas ia agredindo minha família. E aí eu fui aos poucos desenvolvendo isso: usava um short mais ou menos curto meio desfiado, uma blusinha mais apertada e cores diversas. Não era só coisa rosa, né? Eram cores diversas, ia pintando a ponta das unhas e depois ia pintando mais e depois pintando mais. (Ana, 23 anos)

Esse ponto ilustra como a informante usava suas posses para transitar entre estes dois mundos, o mundo feminino e o masculino. Em contextos hostis ou de não aceitação Ana usava estratégias de ocultação de seu gênero para evitar o estigma da família (Goffman, 1988), enquanto em outra situação externava sua feminilidade.

Os resultados aqui expostos apresentam uma convergência com o que Ruvio e Belk (2012) chamaram de negociação identitária, em sua pesquisa com transgêneros. Os autores perceberam que nesta fase os sujeitos frequentavam dois universos paralelos, o que possibilitou que seus informantes experimentassem, por meio do consumo, o auto reconhecimento, que foi crucial para que aceitassem e conhecessem a si mesmas.

Consumo e estigma

De acordo com análise dos dados, observa-se também que muitas das mulheres transexuais estudadas, não apresentavam aparência completamente semelhante à de mulheres cisgênero, e conseqüentemente, sofriam com atitudes discriminatórias em função de externalizarem uma aparência ambígua e sua transexualidade. Para se referirem a essa semelhança as informantes usaram recorrentemente o termo passabilidade. Este termo corresponde ao fato de uma pessoa transexual ser percebida/reconhecida socialmente enquanto pessoa cisgênero. Assim utilizavam o termo “passável” ou “passabilidade” para descreverem o quão aceitas eram em decorrência dessa performatividade mais coerente com as normas de gênero (estrutura social). Em outras palavras, ao aparentarem um corpo “obediente” – que reproduz atos, gestos e expressões socialmente estabelecidas para uma mulher –, elas eram melhores reconhecidas socialmente e menos estigmatizadas.

Os dados apontaram ainda que o estigma sobre elas influenciou o consumo no período liminar de duas formas: na primeira delas, as entrevistadas demonstraram dar certa importância para o julgamento social (passabilidade), e, a partir disso, adotaram práticas de consumo que promoveram a mimetização de um padrão estético idealizado de mulher feminina ideal; já na

segunda forma, algumas dessas mulheres apresentaram de maneira deliberada micro resistências às reproduções de estereótipos de identidade de gênero, e isso refletiu na forma com que consumiam, ou buscavam justificar seu consumo.

A experiência de Marcela, abaixo, ilustra um caso de reprodução de um estereótipo feminino através do consumo de depilação a *laser*, para que ela não sofresse mais violências interpessoais como a relatada abaixo:

Eu tive que passar pelo processo de e melhorar na minha passabilidade, acho que você já deve ter escutado isso, para poder começar a sofrer menos bullying e menos estranhamento das pessoas. (...) Eu arrumei um esquema financeiro... foi importante juntar dinheiro para fazer o laser no rosto, porque eu sabia, eu percebi que a marca da barba no rosto era uma questão que trazia uma agressividade muito grande, um bullying das pessoas. Lembro que uma amiga, uma grande amiga minha me apresentou pro irmão dela numa festinha no bar e ele me perguntou meu nome e eu falei: ‘- Ah, eu sou Marcela...’. Ele meteu o dedão no meu queixo, assim, mostrando que eu tinha barba. Aí falou assim: ‘-Ah, Marcela, sei...’ (Marcela, 39 anos)

No relato acima, a entrevistada mostra como a busca pelo enquadramento do seu corpo nesta norma – que proíbe mulheres de possuírem atributos simbolicamente ligados à reprodução da masculinidade – foi necessário para que ela tivesse maior aceitação social, caso contrário continuaria passando por situações de questionamento de sua identidade de gênero e até mesmo de agressividade. Deste modo, a construção identitária neste período liminar sofre influência da leitura social, pois, como visto anteriormente, há uma necessidade de uma aprovação diante da ótica social para que se estabeleça uma identidade (Belk, 1988).

Embora seja inegável a importância da legitimação social para a construção identitária, algumas dessas mulheres apresentaram, propositalmente, uma resistência às reproduções fiéis destes estereótipos, colocando este comportamento de subversão acima dos julgamentos sociais. Segundo essas mulheres, o próprio fato de exibirem seus corpos desviantes das normas e transitarem em espaços públicos já representava uma resistência aos padrões hegemônicos (Nota de campo 06). Essa objeção aos estereótipos de feminilidade refletiu em práticas de consumo menos delimitadas por estes padrões – como não usar necessariamente um sutiã para aparentar ter seios mais volumosos, ou ainda, não usar somente cor rosa por essa simbolizar a feminilidade.

No entanto, vale salientar que ao mesmo tempo que algumas informantes relatavam realizar essas subversões de performance, a aparência corporal ainda apresentava atributos dessa reprodução de um corpo feminino – como seios maiores (devido à hormonização), cabelo na altura do ombro com luzes, vestia roupas consideradas para o público feminino. Assim, observou-se que ainda que haja algum tipo de resistência por parte dessas mulheres em níveis individuais, ela permanece, de certa forma, branda, pois não ocorre uma completa independência da reprodução destes padrões, uma vez que as práticas de consumo relacionadas a um estilo corporal que era intencionalmente performativo da identidade de gênero feminina e ficaram bastante evidentes, por meio de roupas, acessórios e jeitos de se portar.

Considerações Finais

Este estudo buscou compreender de que maneira ocorre o consumo de mulheres transexuais na liminaridade relativa às suas construções identitárias nas readequações de gênero. Os resultados indicaram que o consumo liminar foi utilizado como atenuador dos conflitos – havendo uma reprodução de estereótipos de gênero –, mas em contrapartida também foi instrumento de negociação identitária e de questionamento dos padrões de gênero existentes.

Os dados sugeriram que, frequentemente, ocorre uma permanência dessas mulheres na fase da liminaridade, pois a construção identitária dificilmente parecia satisfatória e completa por diferentes motivos – como precisar realizar cirurgias, retificar o nome de registro, ter uma

imagem mais feminina. Assim, este trabalho contribui para área de estudos do consumo ao mostrar que em alguns casos o consumo liminar permanecer contínuo na vida de alguns indivíduos.

Além disso, a análise do corpus de pesquisa também trouxe contribuições diante da interpretação sobre como o estigma em relação ao grupo estudado influenciou suas práticas de consumo, fazendo com que duas formas de consumo emergissem: através da reprodução ou resistência aos estereótipos de gêneros. Estes resultados se alinharam, em alguma medida, com as descobertas do estudo de Crockett (2017) sobre o gerenciamento do estigma racial realizado por consumidores negros norte-americanos de classe média alta, que ora mimetizavam práticas de consumo da branquitude vitoriana – para se sentirem incluídos socialmente –, e ora resistiam ao estigma consumindo posses – principalmente obras de arte – ligadas à cultura africana.

Na área de administração a temática abrangendo outras configurações de gênero e suas relações com as organizações já tem sido investigadas – por Caproni e Saraiva (2014) e Carrieri *et al.* (2014) –, no entanto, na área de marketing e dos estudos do consumo a temática ainda está incipiente. Este é um dos poucos estudos de consumo – assim como os de Pereira e Ayrosa (2012) – que busca compreender como ocorre a construção identitária em um sentido oposto ao que se convencionou socialmente. Assim, o presente estudo vai além ao evidenciar como a construção identitária na contramão do que é socialmente aceito traz estigmas e vulnerabilidades de consumo estruturalmente fundamentadas.

Desta maneira, ao observar e descrever os significados deste consumo para as mulheres transexuais objetiva-se trazer à luz questões que excedem a simples observação instrumentalizada desta população como um nicho de mercado. Existe, de um lado, um abandono e desatenção por grande parte das organizações nacionais em relação às demandas reais deste público. Essas empresas falham como prestadoras de serviços ao não treinarem devidamente seus funcionários em relação à diversidade das identidades sexuais e seguem reproduzindo discriminações intencionais ou não (Fonseca, 2018).

Para futuras investigações, sugere-se que sejam realizados estudos paralelos a este com recortes específicos de classe e raça, pois estes marcadores sociais podem intensificar a transfobia e segregação social sofridas por essas pessoas (Benevites & Nogueira, 2019).

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

Referências

- Antra. (2018). *Mapa do assassinato de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017*. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>. Acesso em: 25/01/2018.
- Balzer, C. (2007). *Gender-Outlaw-Triptychon*. Tese de Doutorado. Freie Universität Berlin.
- Balzer, C., Hutta, J. S., Adrián, T.; Hyldal, P. & Stryker, S. (2012). Transrespect versus transphobia worldwide. A comparative review of the Human Rights Situation of gender-variant / Trans People. Berlin: *Transgender Europe (TGEU)*
- Banister, E. N., & Piacentini, M. G. (2008). Drunk and (dis) orderly: The role of alcohol in supporting liminality. *ACR North American Advances*.
- Belk, R. W. (1988). Possessions and the extended self. *Journal of consumer research*, v. 15 (2), p. 139-168.
- Benevites, B. G., & Nogueira, S. N. B. (2019). *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018*. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2019/01/dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contrapessoas-trans-em-2018.pdf>. Acesso em: 25/04/2019.

- Bento, B. (2006). *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Editora Garamond.
- Bento, B. (2012). *O que é transexualidade*. Brasiliense.
- Bortoni, L. (2017). *Expectativa de vida de transexuais é de 35 anos, metade da média nacional*. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional>. Acesso em: 26/01/2018.
- Butler, J. (2000). Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In.: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado*.
- Butler, J. (2015). Problemas de Gênero-Feminismo e Subversão da Identidade-Col. *Sujeito & História*.
- Carrieri, A. P., Souza, E. M., & Aguiar, A. R. C. (2014). Trabalho, Violência e Sexualidade: Estudo de Lésbicas, Travesti e Transexuais. *RAC-Revista de Administração Contemporânea*, v. 18 (1).
- Cody, K. (2012). ‘No longer, But not Yet’—Tweens and the mediating of liminal Selves Through metaconsumption. *Journal of Consumer Culture*, v.12, n 1, 41–65.
- Cody, K., & Lawlor, K. (2011). On the borderline: Exploring liminal consumption and the negotiation of threshold selves. *Marketing Theory*, v.11(2), 207–228.
- Connell, R. (2016). Gênero em termos reais. São Paulo: nVersos.
- Connell, R., & Pearse, R. (2015). *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: Versos, 2015.
- Cohen, C. J. (1997). ‘Punks, bulldaggers, and welfare queen: The radical potential of queer politics?’. *GLQ: A journal of Lesbian & Gay Studies*, Vol.3, pp. 437-465.
- Fontes, O. A., Borelli, F. C., & Casotti, L. M. (2012). Como ser homem e ser belo? Um estudo exploratório sobre a relação entre masculinidade e o consumo de beleza. *REAd-Revista Eletrônica de Administração*, v. 18(2).
- Foucault, M. (1998). *História da sexualidade I: a vontade de saber*; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e JA Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal.
- Gennep, A. V. (2011) *Os ritos de passagem*. 2. ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes.
- Goellner, S. V. (2010). A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 1(2).
- Goffman, E. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*.
- Goldenberg, M. (2005). Gênero e corpo na cultura brasileira. *Psicologia Clínica*, v. 17(2), p. 65-80.
- Graciano, M. (1978). Homem-mulher: porque polarizamos os sexos? *Cadernos de pesquisa da Fundação Carlos Chagas*, n. 26.
- Holbrook, M. B., & Hirschman, E. C. (1982). The experiential aspects of consumption: Consumer fantasies, feelings, and fun. *Journal of consumer research*, v. 9 (2), p. 132-140.
- Jantzen, C., & Østergaard, P. (2001) Shifting perspectives in consumer research: From buyer behaviour to consumption studies. In: *Interpretive consumer research*. Djøf/Jurist-og Økonomforbundet, p. 9-23.
- Kassarjian, H. H., & Goodstein, R. C. (2010). The emergence of consumer research. *The Sage handbook of marketing theory*, p. 59-73.
- Laqueur, T. (1994). *La construcción del sexo: cuerpo y género desde los griegos hasta Freud*. Ediciones cátedra.
- Louro, G. L. (2004). *Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Maclaran, P., Otnes, C. C., & Zayer, L. T. (2017). Gender, sexuality and consumption. In *Routledge Handbook on Consumption* (pp. 292-302). Routledge.
- McCracken, G. (1988). *The long interview*. Sage.

- Miskolci, R. (2009). A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, v. 11, n. 21.
- Morgan, G. (2005). Paradigmas, metáforas e resolução de quebra-cabeças na teoria das organizações. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, v. 45(1), p. 58-71.
- OMS. (2018). *Coding disease and death*. Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/international-classification-of-diseases>. Acesso em: 05/12/2018
- Pereira, S. J. N. (2009). *Da'invenção'da homossexualidade ao discurso das posses: uma análise interpretativa da identidade homossexual*. Tese de Doutorado.
- Pereira, S. J. N., & Ayrosa, E. A. T. (2012). Between two worlds: an ethnographic study of gay consumer culture in Rio de Janeiro. *BAR-Brazilian Administration Review*, v. 9(2), p. 211-228.
- Rocha, A. R., Schott, C., & Casotti, L. (2016). Socialization of the Black Female Consumer: Power and Discourses in Hair-Related Consumption. *ACR North American Advances*.
- Rook, D. W. (1985). The Ritual Dimension Of Consumer Behavior. *Journal of Consumer Research*, 12(3), 251-264.
- Ruvio, A. A., & Belk, R. W. (2013). A process view of transgenders' self-identity conflict. *The Routledge Companion to Identity and Consumption*, p. 141.
- Sandikci, Ö., & Ger, G. (2012). Stigma, Identity, and Consumption. *The Routledge Companion to Identity and Consumption*.
- Schouten, J. W. (1991). Personal Rites of Passage and the Reconstruction of Self, in *NA - Advances in Consumer Research* Volume 18, eds. Rebecca H. Holman and Michael R. Solomon, Provo, UT : Association for Consumer Research, p. 49-51.
- Schwandt, T. A. (1994). *Constructivist, interpretivist approaches to human inquiry. Handbook of qualitative research*, 1, 118-137.
- Thompson, C. J. (1997). Interpreting consumers: a hermeneutical framework for deriving marketing insights from the texts of consumers' consumption stories. *Journal of marketing Research*, p. 438-455.
- Thomsen, T. U., & Sørensen, E. B. (2006). The first four-wheeled status symbol: Pram consumption as a vehicle for the construction of motherhood identity. *Journal of Marketing Management*, v. 22, n. 9-10, p. 907-927.
- Tsai, W. (2004). Gay advertising as negotiations: Representations of homosexual, bisexual and transgender people in mainstream commercials. In: *Proceedings of the Association for Consumer Research Gender, Marketing and Consumer Behavior Conference*.
- Turner, V. (2005). Floresta de símbolos. *Niterói: EdUFF*, p. 139.
- Turner, V. (1974). O processo ritual: estrutura e antiestrutura. *Antropologia*.
- Voice Group. (2010). Buying into motherhood? Problematic consumption and ambivalence in transitional phases. *Consumption, Markets and Culture*, v. 13(4), p. 373-397.